

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Semestre 4\$000
PELO CORREIO
Anno 9\$000
Numero avulso 200 réis
Pagamento adiantado

SUL-AMERICANO

REDACÇÃO
RUA TRAJANO, N. 10 B
A assignatura pôde começa
em qualquer dia, mas
acaba sempre em fim de
Março, Junho, Setembro ou
Dezembro.

ORGÃO IMPARCIAL

PROPRIETARIO: FRANCISCO D'ASSIS COSTA — REDACTORES: DIVERSOS

SAÚDE PÚBLICA

O respeito aos mortos e a intenção de evitar a podridão cadaverica moveram os antigos povos a adoptarem a cremação, o embalsamamento e o enterramento.

Até o século quarto foi conservado pelos Egypcios o habito de embalsamamento.

Este uso tambem era seguido pelos hebreos, porém Moysés modificou-o, de fórma que só era permittido embalsamarem-se os cadaveres dos reis.

O enterramento tornou-se geral, então.

Entre os gregos—que seguiam os costumes dos egypcios, não eram tão frequentes os embalsamamentos: sepultavam ou incineravam os corpos—conforme os desejos da familia, fóra, porém, dos muros da povoação.

Os persas lançavam os mortos ao campo, afim de que os animaes carnivoros os devorassem.

Os chins e os indios adoptavam a incineração, assim como os romanos: mas estes enterravam os cadaveres dos criminosos e pobres.

Os christãos faziam enterramento nas catacumbas em que celebravam actos religiosos—temendo que a impiedade profanasse os cadaveres dos fleis.

E a igualdade entre os mortos foi por elles estabelecida—logo que cessaram as perseguições—com a criação de cemiterios, que se generalisaram por todo o mundo.

O Imperador Constantino foi sepultado, em Constantinopla, na igreja dos Santos Apostolos.

Este facto deu logar a que os padres, prelados etc. fossem enterrados nos adros e depois no interior dos templos, assim como os fleis notaveis por suas virtudes.

Finalmente isso tornou-se geral, e em todas as nações catholicas enterravam-se os cadaveres nos templos.

Mais tarde, porém, devido a epidemias, foi prohibida a inhumação dentro das igrejas; mas, não obstante, esse prejudicial costume continuou até o século 18, porém em menor escala.

Os cemiterios são considerados como *focos perennes de insalubridade, mais ou menos nocivos ás povoações* e a incineração é apontada, quasi que geralmente, como o meio melhor para substituil-os, evitando assim que os mortos se tornem nocivos aos vivos.

Alguns medicos, higienistas distinctos, diz Langgaard, preferem o embalsamamento á consumpção dos cadaveres, o que de certo não se pôde adoptar como pratica geral por

muito dispendioso: alem de que tinha o inconveniente de em breve as habitações dos mortos occuparem grande parte do sólo, juncto ás grandes povoações. Se não fóra estes inconvenientes seria o meio que mais podia suavisar a saudade das pessoas estimadas que a morte nos rouba, gozando-se ao menos a satisfação de ver seus corpos, embora inanimados, com as suas fórmas e feições proprias.

S.

ESCU TA!

A' FRANCINA

« E' tarde ! é tarde ! » — me volveste ainda,
—Francina ingrata qual geada fria—,
porque o Céu de uma existencia linda
velou-te a nuvem da tormenta, um dia !

Mas passa a nuvem da tormenta escura,
lagrimas muitas derramando, oh, sim !
E a estrella Vesper mais serena e pura
no Céu rebrilha desnudada affim !

E' tarde ! é tarde !...mas a tarde é bella !...
Os lirios abrem do crepúsculo a luz,
e a alma eleva na canção singela
mais doces preces ao sepe da Cruz !

E tu não sentes no dorido peito
um doce allivio serenar tu alma ?...
E' o bemdito, salutar effeito
do olhar de Deus que nossa dôr acalma !

Morrer desejas !...sabes tu que sorte
espera a alma que sem fé viveu ?...
Sonhaste acaso si ao depois da morte
terá a triste a doce paz do Céu ?...

Francina ingrata—e tu não crês—! me dizes
que morre a fé... a Fé que a alma eleva !
Rocio que abre d'entre espinhos—lizes,
Luz immortal que vence horrenda treva !...

Si alguém no mundo do teu pranto zomba
eu, não, decerto !—que é sagrada a dor !
E o triste pranto que dos olhos tomba,
baptismo d'alma que conhece amor !

D'aquelle Mario que de ti graceja,
oh, sim !—de amor a confissão não queiras !
E' borboleta jovial que adeja,
tem lindas azas, mas subtilezas, ligeiras...

Oh ! nunca aceites o amor de Mario !
E' falso ! é impio a insultar-te a dor !
—Ha no teu peito um coração sacrario—
talvez dos sonhos d'infeliz amor...

Por isso soffro de te ver chorosa,
e ás vezes choro de pezar tambem...
Francina ingrata mais que agreste roza
que só espinhos despiedados tem !

A' ti,—descrida,—que te importa o pranto
qu'em per'las corre de minh'alma crente ?...
Si o não aceites—vé que é puro e santo,
doce consolo que a minh'alma sente !

Ai ! só desejas que eu te esqueça...ingrata !
Pois bem !—jamais perguntarei por ti,
senão á onda que o luar retrata,
senão á rôla que gemendo ouvi !—

Brazilia Silveira.

A seu pedido foi dispensado do logar de director do Gymnasio Catharinense o nosso distincto companheiro Wenceslau Bueno de Gouvêa, sendo nomeado para substituil-o o nosso amigo Fernando Machado Vieira.

APPELLO

A commissão encarregada de organizar um bazar em beneficio do Hospital de Caridade desta capital tendo deixado de expedir circulars a muitas pessoas, por ignorar seus nomes e ainda, tendo conhecimento que outras deixaram de recebê-las por extravio das que lhes foram destinadas, vem por este meio pedir a todos, em geral, o seu valioso concurso em bem do tentamen que se encarregaram levar a effeito. Outrosim scientificar que o Armarinho Vilela acha-se incumbido de receber as prendas que se destinarem áquelle fim, podendo ser entregues a quaesquer dos membros desta Commissão, as dadivas em dinheiro.

A COMMISSÃO.

CRUZ E SOUZA

O nosso conterraneo Chrispim de Meira, 1º secretario do Centro Catharinense, em officio, communica-nos que o nosso collega *Grito da Patria* da Capital Federal por lembrança do sr. Carlos José de Souza, abriu ali uma subscripção para se erigir em bronze, um busto do pranteado poeta catharinense Cruz e Souza, junto dos de Gonçalves Dias, Castro Alves e Tobias Barreto.

Tão alevantada quão patriótica idéa, merece o concurso do povo catharinense, e que em breve possa vel-a realisada, é o que desejamos.

Do illustre cidadão Dr. M. P. de Barros Bittencourt, prefeito de policia interino, recebemos a seguinte honrosa missiva:

A' illustrada redacção do *Sul-Americano*.

Honro-me de comunicar-vos que, em data de hoje, assumi internamente as funções de Prefeito de Policia do Estado, cargo para que fui nomeado por Acto de 17 do corrente, do Exm. Sr. Dr. Governador.

Os conselhos da imprensa, criteriosa e lealmente formulados, visando o bem publico e os interesses collectivos, são de importancia inestimavel para os que, como eu, reputo-n'a a missionaria inconcussa do bem, do justo e do honesto.

Convicto de que a acção do poder executivo do Estado a que vim prestar o insignificante mas sincero concurso de minha actividade, objectiva-se na pratica innilludível d'esses principios, pelos quaes a imprensa jornalística terça armas, desejo meu, ardente e sincero, é contar com o valiosissimo auxilio da imprensa que representaes, para o cabal desempenho das espinhosas funções que me forão commettidas.

Desde já, em nome do principio legal que assim o determina, solicito-vos a remessa regular á Secretaria d'esta Prefeitura de um numero de vossas edições diarias, sem o que os vossos reclames em prol dos interesses publicos, não poderão ser promptamente tomados na consideração que sempre dever-me-ão merecer.

Certo de que, não haveis de regatear-me os auxilios impetrados, asseguro-vos os protestos da minha mais respeitosa consideração, subscrevendo-me

Vosso

Adm. Att. Obrg. Crd.

M. P. de Barros Bittencourt.

Florianopolis, 20-8-1901.

A GUERRA DE CAROS

POEMA DE OSSIAN

Bardo gaelico do 3º século

Tradução do francez por Joaquim Tebyriçã

Caros é o usurpador celebre, conhecido na historia pelo nome de Carausius, que se fez declarar imperador, no anno 284.—Apoderou-se das ilhas Britannicas, e ganhou muitas victorias navaes ao imperador Maximino Hercules. Foi sem duvida por isso que os Caledonios o appellidaram de rei dos navios.—Reparou a famosa muralha de Agricola, de que fala Tacito, e que fôra construida contra as invasões dos Caledonios.—Parece que, enquanto elle ali trabalhava, foi atacado por uma partida commandada por Oscar, filho de Ossian.—E' esse combate que serve de assumpto a este poema dirigido à Malvina, filha de Toscar.

Filha de Tocar, traze-me a harpa. O desejo de cantar vem, como um reflexo de luz fugaz, reanimar a minha alma triste: que minha alma é triste como a planicie, quando a obscuridade cobre as collinas em torno, e pouco a pouco vai se estendendo sobre as campinas que o sol illuminava.

O' Malvina! vejo a sombra do meu filho junto ao rochedo de Crona... mas, não, é apenas a nevoa colorida pelos derradeiros raios do poente.

Quanto ao a nuvem que engana-me os olhos sob a forma de Oscar! Affastai-vos della, ventos impetuosos que rugis sobre Arven.

Quem é aquelle ancião que se aproxima do meu filho, e de quem eu ouço a fraca voz? Um bordão na mão sustenta-lhe os passos vacillantes, os cabellos brancos fluctuam-lhe pelas espaldas, uma altiva alegria brilha-lhe na frente. Amiudadas vezes volta os olhos para o exercito de Caros.

E' Ryno, esse bardo celebre; vem observar o inimigo:

« Cantor dos tempos passados, diz-lhe o meu filho, que faz Caros? Estende o rei dos navios as azas da sua aguia por sobre as ondas agitadas?

— Sim, Oscar, elle as estende, responde o bardo, mas é por detraz daquellas pedras amontoadas (1); olha tremendo por cima daquellas muralhas; vê-te, e tu lhe inspiras o mesmo terror que a sombra que desce durante a noite, e rola as vagas contra os seus navios.

— Vai, chefe dos meus bardos, torna Oscar, toma a lança de Fingal, prende-lhe na ponta um tição inflammado, e sacode-a nos ares (2); dize a Caros que deixe as margens do oceano e avance para mim; dize-lhe que eu ardo por combater, que o meu arco está fatigado da caça; dize-lhe que os bravos estão ausentes, que eu sou joven, e que o meu braço é debil.

O bardo parte cantando. Oscar chama os seus guerreiros. Aos ouvidos destes a sua voz brame como o echo da caverna que repete o ruido das vagas. Reunem-se ao redor do meu filho, assim como as torrentes quando apoz a tempestade rolam mugindo as suas ondas encapelladas.

Ryno chega-se a Caros, sacudindo a sua

(1) A muralha de Agricola, que Carausius reparava.

(2) Tal era o modo pelo qual os Caledonios declararam guerra.

lança inflammada. » Vem combater Oscar, ó tu que lavas os pés cobertos de poeira na escuma do Oceano: Fingal está ausente. Tranquillo em seu palacio, elle escuta os cantos dos seus bardos. A sua lança temivel, o seu largo escudo, descancam ociosos a seu lado. Vem combater Oscar; este heróe está só.

Mas Caros não atravessou o impetuoso Carron. O bardo volta sósinho para junto de Oscar. As trevas da noite se condensam sobre Crona: prepara-se a festa. Cem carvalhos em chammias crepitam nos ares: uma pallida luz illumina o matagal. A essa fraca claridade, percebem-se ao longe fantasmas ligeiros. Descobre-se pela metade a sombra de Comala que fluctua sobre o seu meteoro. Hidallan está junto della com um semblante triste e sombrio. Ryno foi o unico que o percebeu.

(Continúa).

Gaúchadas

I

Guapo rapaz, de polainas,
Chegava junto á cancella;
Trazia sobre as borrainas
A guampa presa, na sella.

Vestia gibão de zuarte,
Bombachas cor de pinhão;
Andava por toda a parte
No seu airozo Alazão.

No tação de cada bota
Tinha linda chilena,
O seu collete janota
Tinha a cor muito morena

Camisa quasi encarnada
Mostrando parte do peito,
Trazia a desafogada
Como pachola de geito.

Da chinha o laço pendia
Fazendo muitas rodélas
E dos tentos lhe cahia
De bollitas—um par d'ellas.

Um fazedor de bainha
Assim, entonse, não hai,
O bicho quasi fochinha
Elle abanca e nunca cae.

No laço é um tyranno
Quiném ginete dos pampas,
O desgraçado bahiano
Té laça um boi pelas guampas.

P'ra tocar a chamarrita
E' uma barbaridade
Faz refugar a Chinita
D'uma tropa—sem maldade.

Nas mãos do desalmado
Ansim que o pinho chóra,
Faz correr logo um veado
Pela cochia a fóra.

P'ra correr é um depreposto
O seu matungo Alazão
Não há parieiro, eu apósto
que lhe vare n'um tirão.

Um dia no Barreado
Na carreira do rincão
Deixou longe o gateado
De Nhó Juca d'Assumpção.

P'ro galope é um pialo,
No tranquito quem lhe ganha?
Inda ansim não vi cavallo
Tão bão e sem ter manha
E' um bichinho asseado,
Um pingo de estimação
Que Nhó Zeca Penteadado
Tem no seu Alazão.

Ginetaço amaneirado,
Bebedor de chimarrão,
E' um moçote rasgado
«Por Deus é um patacão».

(Continúa)

A. GIL.

BELLEZAS FEMININAS.— Lindissimas cabeças em chromo-lytographia — GABINETE SUL-AMERICANO.

HOSPITAL DE CARIDADE

Prendas enviadas para o bazar em beneficio do Hospital de Caridade pelas Exmas Sras. D. D. Giulia Pio de Savoia, uma pulseira de ouro; Maria Catharina dos Santos, um porta pós de arroz e um porta cartões; Senhorinha Luiza de Campos, uma toalha de linho bordada; Maria C. Costa Linhares, uma applicação para bidet; Maria Catharina dos Santos, um espelho de chrstal; Alzira Boiteux, um par de brincos de diamantes; Maria Elisa da Conceição, um porta pós de arroz; Dhava D. Demaria, um porta cartão bordado; Maria Lydia Schmidt, uma figura biscuit; Dalila Demaria, um copo bordado; Diamantina Demaria, um par de vasos com figura; Cotinha Costa, uma toalha de crochet; Eduarda M. Munich, um quadro com flores de conchas; Uma Anonyma, uma compoteira vidro de cor, um porta cartão e uma toalha de crochet; Thereza Maria Wendhausen, uma mesinha para album; Maria C. Silveira Cardoso, um porta relógio; Maria Amalia Cardoso, um porta joias; Felisberta E. de Souza e Silva, uma toalhinha para bidet; Diamantina V. Lesage, um quadro papel bristol; Etelvina A. do Nascimento, um porta extracto; Francisca T. Duarte Silva, um espelho de abrir; Alayde Vilella, um jogo de toalhas para lavatorio; Frieda Donner, uma toalhinha bordada; Braulina Schmidt, um estojo para escripta; Cotinha Costa, um porta pós de arroz; Senhorinha L. Campos, um copo com inscripção; Virginia A. Crespo, uma toalha para bidet; Adelaide Luz, um porta extracto porcellana; Maria José Bruno, um guardanapo para almofada; Francisca C. da Rocha Aragão, uma toalhinha de crivo; Aurora Garrido Portella, uma toalhinha para bidet; Ambrosina G. Portella, uma almofada de setim; Uma anonyma, um ramo de flores de palha; M. F., uma toalhinha para bidet; Clara das Dores Prates, um pregador de flores de penna, um dito escamas, um dito cavaco; Maria das Dores S. Prates, dous ditos penna, um dito palha; Dinorah Silva, uma imagem Lourdes, porcellana; Emilia A. Crespo, um centro para cortinado; Dulce Livramento, uma bola de papel para lampião; Maria José Gonçalves Silva, dous porta pós de arroz; Cecy Campinas, um porta relógio, uma escova para chapeo, uma caneta com flores; Virginia Costa, um guarda lenços, crochet; Olympia Cabral, um cinzeiro de porcellana; Maria das Dores Cathcart, um par de vasilhos.

Srs.: Sergio Nolasco de Oliveira, um quadro a oleo; Antonio Mancio da Costa, um tinteiro de vidro; Roman Bruckner, um cabide de madeira; Eloy João Pierre, uma caixa com um navio; Dr. Candido Freire, um toucador com espelho; João B. Demaria, um espelho de abrir; Francisco Sallentien, um jogo castiçal; padre Archânjo Canarini, um album com vistas do Brazil, um dito com vistas de Portugal; Manoel Ignacio da Silva, dous copos recordações de Florianopolis; Idalino Marcolino da Silveira, uma almofada de setim.

(Continúa.)

CONSELHO

A' FRANCINA

« Amore! sublime amore! »
(Traviata, de Verdi)

Oh! minha amiga Francina,
Não trates assim ao Mario!
Consulta o teu breviario!
Lá verás que elle te ensina
Que a um amor tão puro e santo
Como no bardo geraste,
Que a alegria lhe tiraste
Convertendo-a em agro pranto,
Deves ceder sem demora
Abrindo teu coração,
P'ra que elle veja a paixão
Como também te devora!
Assim findarão as dôres!
Tu deixarás logo o ermo,
E pondo ás queixas um termo,
Viverás em céu d'amores.
E elle, que anda a chorar,
Sentindo o gosto do fel,
Terá na lua de mel
Gosos, gosos a fartar.

GALATHEA

O CORAÇÃO

De onde procede o coração da mulher?
Ninguém o sabe, ninguém o diz!

Legendas ha que narram vir a sua origem da fecundação de flôres e auroras...

E passaros, gorgendo, assistem a eclosão divina.

Por vezes, triste é a aurora e resequidas as flôres; então o coração da mulher é negro, negra a tormenta.

Veze outras, lagrimas de ouro perolizam as flôres e nasce o coração das mãis, que só tem piedade, só tem affectos.

Veze ha ainda em que a celeste mensageira de alegrias vem radiosa, cingida de seu fulgente manto de lyrios, que as estrelas teceram em vigílias longas e nasce o coração das noivas, para a festa perenne do amor...

(Ext.)

ESPECTACULO

O grupo dramatico «Cruz e Souza» levará á scena no dia 31 do corrente as chistosas comedias *O tio padre* e *O marido que é victima das modas*.

O nosso illustre companheiro José Brasilício de Souza, lente de historia e geographia do Gymnasio Catharinense, requereu ao Congresso um anno de licença sem vencimentos.

CLUB 12 DE AGOSTO

Eleita a 18 do corrente, toma posse hoje, ao meio dia, a nova directoria desta sympathica sociedade, a qual ficou assim composta:

Presidente, Antonio Venancio da Costa; vice-presidente, José Bueno Vilella; 1.º secretario, Ernesto Viegas; 2.º dito, Leonidas Branco; thesoureiro, Eduardo Moellmann; 1.º procurador, Alberto Moellmann; 2.º dito, Antonio Joaquim Coelho.

ANTES SO'...

Vale mais a gente metter-se sem companheiros n'um perigo, que affrontal-o com um companheiro medroso.

Sósinho o individuo conta exclusivamente com os seus esforços, sabe que meios deve empregar para vencer os obstaculos e, em caso de abandonar o campo da lucta, fal-o com muitissimo mais facilidade.

Acompanhado por um medroso, a não ser que mesmo o queira abandonar para castigo de sua covardia, terá que defendel-o e mesmo as vezes carregal-o ás costas.

E' incontestavel que um bom camarada vale o seu pezo em ouro, pois que combate por nós e conosco com agrado, soffre dos nossos soffrimentos, participa com alegria dos nossos triumphos, mas não desanima com os nossos revezes.

Um companheiro pusillanime, porém, que na occasião em que mais se precisa do seu concurso apega-se aos nossos braços, tremulo e deixando cahir das mãos as armas que empunhava, impedindo-nos que francamente nos defendamos, um individuo assim vale menos que um cão, é uma cousa de que se sente asco.

Eu sei que nem todos pôdem ser corajosos, mas quem não se sentir com forças para um empreendimento no qual a vida possa perigar, é melhor não se meter n'elle. Fique em casa cuidando do que quizer.

Na caça, mais que na guerra, precisa-se da dedicação de um amigo corajoso.

Quantas e quantas vezes, homens verdadeiramente corajosos, tem estado em perigo de perder a vida, devido á covardia e poltronaria de um camarada, no qual entretanto elle suppunha encontrar um homem corajoso, acostumado a todas as vicissitudes, um verdadeiro camarada na mais ampla acceção da palavra?

Quantas e quantas vezes, porém, como compensação, um homem confiam-lo demasiado na sua coragem arrisca-se devéras, e tem sido salvo das garras da morte pela dedicação de um companheiro!

A proposito do que fica acima occorre-me o que tres caçadores me contaram.

O primeiro d'elles, o meu bom e valente amigo Hugo Essen, tendo como companheiro um tal João Leandro, atirou um tigre chegando mesmo a *quebrar bugha*.

Armado com uma pistola de dois canos anticarga, julgou-se bem forte para atacar a terrivel fera, a mais poderosa do continente Americano e a terceira do mundo inteiro.

Ao receber a bala o tigre ergueu-se urrando e começou a descer calmamente, com os olhos desmedidamente abertos, fixos n'um sacco que ficara sob a arvore em que elle se achava, sacco de comida, roupa e barraca dos caçadores.

Indubitavelmente a fera tomara-o por um homem acorçado ou por um outro animal qualquer, pois que sobre elle saltara fazendo-o em tiras.

Hugo puxara o outro gatilho da pistola mas apenas quebrou a espoleta, negando fogo a arma.

O momento era critico, e o intrepido caçador, caminhando de costas, com a frente sempre para o inimigo, procurou o companheiro para tomar-lhe a arma,

mas o covarde tinha trepado e perdera a pistola que cahira por entre os caitées.

E' uso, sempre que o tigre trepa, amarrar longe do lugar em que elle cahirá, os cachorros afim de evitar que a fera acabe com elles. Os tres cães de Hugo, quando viram que o tigre descia ferido e que ameaçava o seu senhor, vindo de raiva rolavam pelo chão, diligenciando romper os cipós, o que conseguiram roendo-os. Chegaram a tempo de livrar o caçador que estava já proximo á fera, aguardando-a serenamente, de facão em punho, decidido a vender caro a vida, mas não a correr.

O tigre assaltado pela matilha deixou de marchar para o homem e foi grota a baixo, seguido pelos valentes animaesinhos que não cessavam de *barroar*, fazendo com que o animal parasse, isto é, *acuas* no chão, não muito longe do lugar em que estivera trepado.

Um tigre *acuado* no chão é um perigo, mas um tigre *trepado* cabe como se fosse um passarinho, desde que seja bem atirado.

Hugo teve tempo então de carregar a pistola e dirigio-se ao lugar d'onde vinha o barulho. Teve enesejo de ver o quanto a intelligencia vale mais que a força bruta, e o quanto excede um cão a um tigre, não em ferocidade e força muscular, mas em tino e ligeireza.

Encostado a uma grossa arvore, deixando ver um ferimento na omoplata esquerda, donde descia um jorro de sangue, o enorme tigre fazia frente aos cachorros. De vez em quando erguia-se nas duas patas trazeiras e com um salto formidavel atirava-se aos valentes animaes que o perseguiam.

Esses, porém, mais velozes que o vento, furtavam-se aos botes do terrivel bicho, escondendo-se por baixo de uns barços de cresciuma, jambipapo e galhos mortos, onde podiam entrar facilmente, mas onde o tigre, de muito maior corpo que elles, não tinha entrada.

Depois de carregar sobre os cachorros o tigre voltava para encostar-se na arvore, mas ia sempre acompanhado pelos cachorros que tinham abandonado a sua guarida.

Hugo para chegar a ponto de segurar o tiro, tinha que marchar o mais cautelosamente possivel, por ser morro a baixo e o terreno cheio de pedras soltas e raizes descobertas. Um pé em falso, um escorregão que levasse precipital-o-hia nas unhas da fera. E foi o que aconteceu. Collocando o pé sobre uma raiz, resvalou e foi parar junto ao tigre que, devido ao ferimento que recebera e ao grande esforço que até ali fizera, acabava de cahir para não mais se erguer, batendo com a enorme cabeça para todos os lados.

Media o bello animal dezoito palmos desde a ponta da cauda a ponta do focinho, sendo o seu couro vendido por cento e dez mil reis.

O companheiro com o qual Hugo contava faltou-lhe no momento de perigo, ao passo que os cães, com os quaes elle não podia contar, acudiram-lhe no momento em que a fera ia deixar cahir sobre a sua cabeça as pezadas garras.

N'este caso os cães, valiam muito mais, pelo menos na opinião d'aquelle caçador, que o companheiro. Vejamos a segunda das tres narrações que ouvi. E'

FOLHETIM

(56)

Teixeira e Souza

MARIA

A MENINA ROUBADA

Neste ponto o joven disse ao juiz de paz que carecia tomar uma chicara de café. O juiz mandou immediatamente dar ordem á isso, e voltou para seu logar e ouviu o resto da historia de Maria, que é o de que o narrador dará conta no seguinte capitulo.

XXIX

O CRIMINOSO CONTINUA A HISTORIA DE MARIA E CONTA COMO FOI ELLA RECEBIDA EM CASA DA SRA. D. L. LORDECENE.

— Os mineiros, disse o joven reatando o fio de sua interrompida narrativa, fizeram a sua viagem, passando pela villa da Parahyba do Sul, onde chegaram sem novidade alguma. Elles foram pernoitar em casa da sra. d. Lordecene.

— Tenho ouvido falar da sra. d. Lordecene, disse o juiz de paz.

— Ella mora não muito distante daqui. O mineiro, que parecia dono da tropa, que se mostrava superior aos outros, o sr. Cêa, era parente, e bem proximo, da sra. Lordecene. Esta, vendo Maria, perguntou a seu parente, que menina era aquella. O sr. Cêa contou-lhe em poucas palavras o que sabia. A boa senhora tomou Maria no seu collo, fez-lhe algumas perguntas, ás quaes Maria respondera,

como havia respondido aos mineiros. A sra. d. Lordecene beijou-a muitas vezes, e cobriu-a de caricias, e depois perguntou-lhe si queria ficar com ella; Maria respondeu pela affirmativa. Então esta amavel e compadecida senhora pediu a seu parente que lhe deixasse a menina, que ella a criaria como se fosse sua mãe. O sr. Cêa consentiu immediatamente a sra. L. Lordecene mandou fazer, para Maria, toda a roupa precisa. Vinha então, todos os dias, á casa um senhor ensinar a ler ao sr. Alfredo, filho da senhora, que era um menino dos seus nove para dez annos, Maria foi tambem entregue a seu cuidado. A sra. Lordecene levou a sua bondade até querer que Maria lhe chama-se sua mãe. Esta boa senhora nada poupava para a educação moral e religiosa de sua filha adoptiva. Ah! é impossivel pintar a solicitude e o amor desta alma virtuosa por esta infeliz menina!

«Meu Deus... Já que sois tão bom, meu Deus! O mancebo ao pronunciar estas palavras, levantou-se da cadeira, pondo ás mãos, e erguendo-as aos céus, onde pregou seus olhos, foi lentamente curvando os joelhos, de modo que, quando pela segunda vez disse—meu Deus!—estava de joelhos, com as mãos erguidas, como quem ora, e com os olhos presos no céu; neste extasi elle dizia:

— Meu Deus, abençoe-a sra. d. Lordecene! abençoe-a, meu Deus! Derramae sobre ella a enchente de vossas graças! Oxalá que a vossa misericordia lhe augmente os bens, lhe vigore a saude, e lhe prolongue a vida! Possa ella ser por immensos dias a providencia do pobre, a protectora dos des-

validas, e a consolação dos afflictos! Abençoe-a, abençoe-a, meu Deus!

Enquanto o joven fazia esta piedosa supplica, o juiz de paz, como um homem desvaído, com os olhos inundados de lagrimas, se foi manso e manso approximado d'elle, como compassando seus passos pelas palavras, que ouvia, de modo que quando o moço teve terminado a sua prece, o juiz de paz estava junto d'elle. O criminoso, tendo orado, quiz erguer-se; mas o juiz de paz, pondo suavemente uma de suas mãos sobre seu hombro esquerdo, disse-lhe:

— Espere, meu filho... E' bom orar pelos justos, porque Deus everte em nosso favor metade dessa oração. Tambem quero orar pela sra. d. Lordecene. Unamos pois as nossas preces; supplicamos ambos. A supplica é sempre grata aos olhos de Deus.

Assim falando, o homem da lei ajoelhou-se á direita do mancebo, e ambos alternando a sua supplica, oraram assim:

— Meu Deus, o juiz de paz, por falta de fé eu não serei reprehendido, como reprehendestes a Pedro, a quem disseste:—«Homem de te a esquinha, porque duvidaste?»—Meu Deus, acredita sem ver; e por isso não serei reprehendido, como reprehendestes a Thomé, a quem dissestes:—«Felizes dos que não viram, e creeram!»—Si alguma vez duvidei foi dos meus merecimentos! Si não acreditei, foi unicamente em mim! Meu Deus, a vossa Misericordia jamais se desmentiu, ainda para as vossas mais mesquinhas creaturas e como assim é, fazei a

quasi o mesmo que a primeira, com a differença que Hugo atirou sabendo que atirava a uma terrivel fêra, ao passo que Chico Dias atirou á mão de um tigre pensando que o fazia á cabeça de uma jaguatirica.

N'uma viagem que fizera para a serra, o caçador a que me referi, lobrigou n'um intrincado de cipós, por cima de um pau grosso, a cabeça de uma jaguatirica que parecia adormecida.

Prevenio ao compahheiro e atirou de chumbo ao animal. Um urro medonho se fez ouvir, repercutindo de quebrada em quebrada como um trovão pavoroso. Em vez de uma jaguatirica, uma onça enorme ergueu-se, veio, n'um salto, cahir proximo ao atirador que a abateu com um segundo tiro.

Depois de morto, o animal o primeiro cuidado foi procurar o compahheiro, achando-o estirado no chão como morto.

E' que o valente desmaiara ao ouvir o rugido do maior dos nossos gatos.

Disse-me depois aquelle amigo: quando eu vi aquella peste cahida d'aquella maneira, tive vontade de carregar de novo a pistola e metter-lhe alguns grãos de chumbo nos miolos, que era para elle não ser tão vil.

Disse alguém que o medo manifesta-se de tres maneiras: o que torna o individuo louco, a ponto de desconhecer o perigo e atira-se a elle; o que faz o typo correr mais que os veados; e o ultimo finalmente que faz amollecere todos os nervos das pernas, paralisando todos os movimentos.

Agora a terceira narração feita por um tal Manoel Alexandre: os cachorros corriam uma caça qualquer, e esse animal, perseguido de muito perto pela matilha, passou alguns passos de nós, deixando perceber a cor avermelhada do seu pello.

Pensei a principio que fosse um veado, mas logo vi que não podia ser este animal porque sem demora os cachorros serraram a acuação morro arriba e abarroando sempre, signal de bicho de unha. Eu era acompanhado por dous homens que em suas casas eram valentes, e por isso, confiantemente dirigi meus passos ao local da barulhada.

Minutos depois avistei, trepado no galh, torto de uma licurana, um enorme leão (puma) que rosnava devagarinho.

Para chegar a ponto de segurar o tiro, tinha que metter-me num apertado entre uma enorme pedra e um itaimbé de alguns metros de alto, logar decerto perigoso para quem ia atacar uma fêra, mas como já disse, eu ia confiante na coragem dos compahheiros que, em caso de eu perigar, não deixariam de acudir-me. Metti-me no apertado e, effectivamente apertei-me, pois que tendo f-rido mal o animal, este, por arte do diabo, ao envez de fugir como é costume destes gatos, veio roncando para pegar-me. Devido a exiguidade do espaço não podia defender-me com muita vantagem, e não fosse a corajosa abnegação de um cachorrinho que grudou-se nos quartos do leão, eu não teria dado conta d'elle.

Quando procurei os compahheiros, vi que um d'elles tinha desmaiado, e o outro, do cimo dos galhos mais altos de uma jaboticabeira, perguntava-me todo tremulo se o bicho estava bem morto.

Ainda n'este facto é de notar que o cão valia mais que os dous homens.

AUGUSTO LYRA.

Para a cidade de Tubarão, seguio no vapor Laguna, o nosso collaborador Paulo Schieffler.

A SIMONIDES

Onde está a lyra forte, vibrante que dedilhavas a cada instante?

Jaz esquecida, abandonada, de pó coberta, desafinada?

Oh! inda é tempo! empunha-a lesto; solta teu canto, embora mesto.

Canta a tristeza que vai-te n'alma... que os sons da lyra te darão calma.

Onde está ella, forte, vibrante que dedilhavas a cada instante?

MARIO.

Contra a tosse

Tome-se todas as noites, ao deitar, uma infusão de flôres de mamociro (caryca papaya).

Este medicamento é, além d'isso, effiacissimo na coqueluche.

Deve-se, porém, evitar os azedos, frutas, etc., durante o uso deste medicamento, que aliás é maravilhoso e de muito facil execução.

(Ext.)

PARNASO

MOTE

Amar e não ser amado

Recebemos as seguintes

GLOSAS

O' coração desprezado, não desperdices amor, que é soffrer inutil dôr amar e não ser amado! Ah! si fores compensado, ama!—embora alancêado dos espinhos da paixão; mas ingrata indifferença que o teu amor não compensa, não supportes, coração!

Brasília Silva.

Para um terno namorado Que suspira a todo instante, Deve ser dôr cruciante Amar e não ser amado. Debalde passa na rua, A' luz do sol ou da lua: D'elle se esconde a menina. Então, sem mais esperar, Põe os miolos ao ar... Oh! que negra e fatal sina!

Nestor.

E' cruel ser condemnado a viver na solidão, e mais soffre um coração amar e não ser amado: sim, vê Marília passar sem nos volver terno olhar, —um olhar meigo de amor— d'aquelles olhos formosos, que são astros luminosos, não ha martyrio maior.

Dante.

Aonde ha amor sagrado, tal como o amor maternal, não é cousa natural amar e não ser amado. Assim não pode o bom filho, que segue do bem o trilho, deixar de reconhecer que esse amor tão puro e santo —nossa vida, nosso encanto— é continuo padecer.

G.

Para o proximo numero temos o seguinte

MOTE

Começa a sabedoria

SECÇÃO CHARADISTICA

O numero maior é 999.
O menor é 9

99

Paganel.

1.ª Pergunta—9 elevado a 99ª potencia (9⁹⁹)
2.ª Pergunta—9 dividido por 9 elevado a 9ª potencia
cia 9
9⁹

1.º Log.—Marco Aurelio
2.º Log.—Aeronauta
Charada—Sapador.

Petrarcha.

SECÇÃO LIVRE

22 de Agosto

Completo no dia 22 do corrente mais uma risonha primavera a senhorita Aurora Silva, por cujo motivo, enviam-lhe abraços seus primos

J. R. C. e M. R. C.

INDICADOR

Atenção

O Armazem Rio-Grandense, acaba de receber pelo ultimo vapor um lindo e variado sortimento de copos de chrystal, calix para vinho e licor, bracos e de cores, aparelhos de porcellana para café, verdadeira novidade, copos com bandeiras de diversas nações, dictos bordados em estojo; chicaras de porcellana finissima em caixas de velludo para presente; galheteiros de metal e de madeira; chá lypton em latas de 250 grammas, e muitos outros artigos de primeira qualidade, que o mesmo armazem vende com limitado lucro. Chama-se a atenção das Exmas. familias para os preços correntes que distribue o mesmo armazem, os quaes são os mais vantajosos da praça.

AO ARMAZEM RIO-GRANDENSE

—DE—

VASCO DA GAMA

Casa filial á Praça 15 de Novembro n. 20

TINTA AMERICANA

AZUL PRETA — PARA ESCREVER

| | |
|-----------------------------|--------|
| Vidros de 1 litro | 4\$ 00 |
| " " 1/2 " | 2\$ 50 |
| " " 1/4 " | 1\$ 50 |
| " " 1/8 " | 1\$ 00 |
| " pequenos, duzia | 2\$ 20 |

A' venda no

Gabinete Sul-Americano

VINHO IODO-TANNICO

(GLYCERO-PHOSPHATADO)

Approvado pela Inspectoria de Hygiene

Formulado e preparado pelos chimicos pharmaceuticos

ELYSEU & FILHO

RECONSTITUINTE GERAL

Succedaneo do oleo de figado de bacalhau e das Emulsões!

Agradavel ao paladar presta os maiores serviços e responde a numerosas indicações therapeuticas.

As molestias do peito, Engorgitamentos ganglionares Cachexia, Hydropisias, Gottas, Rheumatismos, Convalescenças, Asthmas, Bronchites, Affecções cardiacas, Albuminurias, Anemias, Neurasthenia, etc.

São combatidas com o uso do nosso vinho.

A' VENDA NA PHARMACIA E DROGARIA

DE

ELYSEU & FILHO

7 - Rua João Pinto - 7

VERTIGENS E TONTURAS - Pílulas de Rauliveira.

COMMERCIAL UNIÃO

Companhia de Seguros contra Fogo

AGENTES NESTA CAPITAL

André Wendhausen & C.